

O CREDITO CONCEDIDO PELA BANCA CONTINUA A DIMINUIR, MAS AS APLICAÇÕES FINANCEIRAS DA BANCA ESTÃO A CRESCER, AUMENTANDO O RISCO

Numa altura em que o Grupo Espírito Santo implode e em que a má gestão dos banqueiros se torna mais uma vez clara para os portugueses, interessa fazer uma reflexão sobre o sistema financeiro português e sobre situações e tendências atuais preocupantes, o que tornará mais compreensível o caso GES. Para se poder ter uma perceção do elevado risco que existe na banca em Portugal é necessário ter presente que é uma banca universal. Isto significa que ela é simultaneamente uma banca comercial, de retalho, (*que recebe depósitos e concede crédito*) e uma banca de investimento (*que faz investimentos financeiros com dinheiro dos depositantes cujo risco é elevado, pois tanto se pode ganhar muito como perder muito*), o que não acontece em todos os países já que, para reduzir o risco, é necessária a separação entre banca comercial e banca de investimento (*os EUA durante muitos anos impuseram, por lei, a separação*). Em Portugal, são fundamentalmente os depósitos dos portugueses que, por um lado, permitem à banca conceder crédito à economia, aos particulares e ao Estado e, por outro lado, possibilitam aos banqueiros fazer investimentos financeiros (*compra de ações e obrigações de empresas, de títulos do Estado, etc.*), muitos deles de elevado risco. E isto porque o “dinheiro” que os banqueiros e outros acionistas possuem nos bancos corresponde a uma pequena percentagem do Ativo Total da Banca como mostra o quadro 1.

Quadro 1- Os capitais dos acionistas e dos depositantes da banca portuguesas – 2008/2013

ANOS	ATIVO TOTAL Milhões €	CAPITAL PRÓPRIO (que pertence aos acionistas da banca) Milhões €	% que Capital Próprio representa em relação ao ATIVO	ALAVANCAGEM (ATIVO/CAPITAL)	Recursos de clientes e outros empréstimos Milhões €	% que Recursos dos clientes representam em relação ao Ativo Total
Dez.2008	476.883	26.322	5,5%	18,1	217.870	45,7%
Dez.2009	510.587	31.765	6,2%	16,1	218.478	42,8%
Dez.2010	531.721	32.825	6,2%	16,2	230.558	43,4%
Dez.2011	512.611	25.952	5,1%	19,8	244.431	47,7%
Dez.2012	496.148	32.044	6,5%	15,5	251.027	50,6%
Dez.2013	460.204	29.898	6,5%	15,4	253.164	55,0%

FONTE: Relatório Estabilidade Financeira -2013 - Banco de Portugal, Maio de 2014

Como revelam os dados do Banco de Portugal, o capital que pertence aos acionistas da banca, em 2013, correspondia apenas a 6,5% do valor do Ativo Total da banca portuguesa, sendo 93,5% recursos alheios (*com 29.898 milhões € de capitais próprios controlam 460.206 milhões €, portanto o grau de alavancagem era de 1 para 15,4*). Só o valor dos depósitos dos clientes correspondia a 55% do Ativo Total. É esta a base do negócio dos banqueiros os quais com um montante de capital reduzido conseguem controlar 15,4 vezes mais capital (*repite para não esquecer, 93,5% são capitais alheios*). O problema que se coloca é a forma como os banqueiros gerem o dinheiro depositado nos bancos pelos clientes e como utilizam a capacidade da banca de “criar” dinheiro (*conceder crédito para além do valor dos depósitos*)

O CRÉDITO CONCEDIDO ESTÁ A DIMINUIR MAS OS INVESTIMENTOS FINANCEIROS FEITOS PELA BANCA ESTÃO A CRESCER, AUMENTANDO O RISCO

O quadro 2, também com dados do Relatório de Estabilidade Financeira divulgado já este ano, revela um aspeto da política de gestão atual da banca em Portugal que é preocupante.

Quadro 2 – Variação do crédito e dos investimentos financeiros da banca em Portugal- 2008/2013

ANOS	Aplicações Financeiras Milhões €	Crédito a clientes líquido Milhões €	ATIVO TOTAL Milhões €	Aplicações Financeiras % ATIVO	Credito Líquido % ATIVO
Dez.2008	55.388	321.444	476.883	11,6%	67,4%
Dez.2009	73.318	319.369	510.587	14,4%	62,5%
Dez.2010	92.097	317.420	531.721	17,3%	59,7%
Dez.2011	81.972	294.990	512.611	16,0%	57,5%
Dez.2012	82.261	294.953	496.148	16,6%	59,4%
Dez.2013	82.897	270.885	460.204	18,0%	58,9%
Dez.2007-Dez.2013	49,7%	-15,7%	-3,5%	55,1%	-12,7%

FONTE: Relatório Estabilidade Financeira -2013 - Banco de Portugal, Maio de 2014

Entre Dez.2008 e Dez.2013, o crédito à economia e aos particulares diminuiu em 50.558 milhões € (-15,7%), mas os investimentos financeiros da banca, em ações e obrigações de empresas, em títulos do tesouro, e em outros produtos financeiros aumentaram em 27.510 milhões € (+49,7%).

Na busca de uma rentabilidade mais elevada os banqueiros estão a desviar uma parte dos meios financeiros que obtêm, incluindo depósitos, do crédito para aplicações financeiras, com risco muito maior, podendo causar prejuízos elevados e pôr em perigo a própria instituição financeira. E o Banco de Portugal nada tem feito para impedir essa política de risco elevado, limitando-se a intervir à “*posteriori*”, ou seja, “*depois do mal feito*” e muitas vezes só se existir uma denuncia (ex.:BCP, BES/GES), exigindo ou o aumento dos capitais próprios, que são sempre reduzidos se se comparar com o Passivo (*em 2013, o Passivo da Banca, segundo o Banco de Portugal, somava 430.305 milhões €, e os Capitais Próprios eram apenas 29.898 milhões €, ou seja, apenas 6,9% do Passivo Total da banca*) ou a constituição de provisões e imparidades

O DESVIO DOS RECURSOS DO BCE PARA INVESTIMENTOS FINANCEIROS

Se compararmos os empréstimos obtidos pela banca junto do BCE com os investimentos financeiros da banca concluímos que estes já representam uma elevada percentagem.

Quadro 3 – Investimentos financeiros e empréstimos junto do BCE da banca em Portugal-2007/2013

ANOS	Aplicações Financeiras Milhões €	Recursos de bancos centrais (BCE) Milhões €	ATIVO TOTAL Milhões €	Recursos BCE % Aplicações Financeiras	Recursos BCE % ATIVO
Dez. 2007	53.200	5.731	443.458	10,8%	1,3%
Dez.2008	55.388	14.407	476.883	26,0%	3,0%
Dez.2009	73.318	19.419	510.587	26,5%	3,8%
Dez.2010	92.097	49.157	531.721	53,4%	9,2%
Dez.2011	81.972	50.723	512.611	61,9%	9,9%
Dez.2012	82.261	56.179	496.148	68,3%	11,3%
Dez.2013	82.897	51.126	460.204	61,7%	11,1%

FONTE: Relatório Estabilidade Financeira -2013 - Banco de Portugal, Maio de 2014

Se compararmos o valor dos investimentos financeiros da banca com o volume de empréstimos que obteve do BCE, conclui-se que, entre Dez. 2007 e Dez.2013, os primeiros em percentagem dos segundos, aumentaram de 10,8% para 61,7%. Pode-se afirmar que a maioria dos recursos obtidos do BCE não foram utilizados para conceder crédito à economia.

A BANCA FOI PARA ALÉM DA “TROIKA” NA DESALAVANCAGEM DO CRÉDITO À ECONOMIA

O quadro 4, com dados do Banco de Portugal, mostra com clareza o que aconteceu nesta área fundamental para o crescimento da economia portuguesa,

Quadro 4 – A dimensão da desalavancagem do crédito em Portugal – 2008/2013

ANOS	Crédito a clientes líquido Milhões €	Crédito Líquido a clientes + Créditos a clientes titularizados Milhões €	Recursos de clientes e outros empréstimos Milhões €	RACIO DE TRANSFORMAÇÃO 1 (Credito Líquido/ Recursos clientes)	RACIO DE TRANSFORMAÇÃO 2 (Credito Líquido mais credito titularizado/Recursos clientes)
Dez.2008	321.444	349.212	217.870	147,5%	160,3%
Dez.2009	319.369	352.916	218.478	146,2%	161,5%
Dez.2010	317.420	363.929	230.558	137,7%	157,8%
Dez.2011	294.990	342.681	244.431	120,7%	140,2%
Dez.2012	294.953	321.004	251.027	117,5%	127,9%
Dez.2013	270.885	295.861	253.164	107,0%	116,9%
Dez.2007-Dez.2013	-15,7%	-15,3%	16,2%	-27,5%	-27,1%

FONTE: Relatório Estabilidade Financeira -2013 - Banco de Portugal, Maio de 2014

Como revelam os dados do Banco de Portugal a desalavancagem do crédito em Portugal, que se traduziu por uma redução significativa de crédito à economia, medida pelo Rácio de Transformação (*Credito a dividir pelos depósitos*) foi violenta em Portugal (*em 5 anos, diminuiu 40,5 p.p.*) indo para além do que a “*troika*” inicialmente exigia, que era a redução para 120% (*a banca já reduziu para 107%, e alguns bancos para menos, estrangulando assim a economia. A isto há agora a acrescentar a contaminação do GES, que ainda não é conhecida na sua totalidade: desconhece-se todos os empréstimos e aplicações financeiras dos outros bancos e de empresas nas empresas do GES, assim como não se conhece a totalidade de fundos investidos nas empresas do GES pelo BES. A promiscuidade banca comercial-banca de investimento facilita situações destas pois os banqueiros ficam com mãos livres para aplicar como querem o dinheiro dos depositantes*). A questão que deixo para reflexão é a seguinte: Quem põe cobro a esta gestão de risco elevado dos banqueiros com dinheiro dos depositantes e à desalavancagem para além da “troika” que está a “tramar a economia portuguesa” e a causar tantos sacrifícios aos portugueses? **Eugénio Rosa, Economista, edr2@netcabo.pt , 15.7.2014**